

Citicorp e Chase aumentam juros ('prime rate') de 7,5% para 7,75%

O Citicorp anunciou, ontem, que aumentou sua taxa de juros preferenciais (prime rate) de 7,5 para 7,75 por cento e que este aumento já está em vigor. A alta da taxa dos juros determinada pelo Citicorp é a primeira adotada por um banco americano para suas taxas de juros preferenciais desde agosto do ano passado.

O próprio Citicorp, a maior instituição bancária dos Estados Unidos, baixou suas taxas, em agosto de 1986, de oito para 7,5 por cento, oportunidade em que sua decisão foi seguida pela maioria dos bancos americanos, que mantiveram essas taxas em vigor até ontem. A alta dos juros foi acompanhada também pelo Chase Manhattan Bank.

Em Brasília, o Ministro Dilson Funaro anunciou que o Governo brasileiro obteve, ontem, o primeiro sinal de êxito na área externa, junto aos bancos credores privados. Todos eles prorrogaram as linhas de crédito de curto prazo, por 30 a 180 dias.

— O bom senso está prevalecendo — comentou Funaro, ao explicar que os créditos de curto prazo, que em sua maioria financiam as importações e exportações brasileiras, vencidos ontem, serão renovados a partir de amanhã. O prazo de dois dias (entre a data do vencimento, dia 31, e da renovação, dia 2) foi justificado pelo Ministro pela praxe bancária de anunciar as renovações com dois dias de antecedência.

Até ontem, apesar da tranquilidade demonstrada pelo Presidente do Banco Central, Francisco Gros, que voltou dos Estados Unidos há poucos

dias, onde foi negociar a prorrogação das linhas de crédito por 60 dias, o Governo não podia respirar aliviado. Estavam em jogo financiamentos das importações e exportações brasileiras, com capital estrangeiro.

Caso as linhas não fossem renovadas, em represália à suspensão do pagamento dos juros externos, praticada desde o dia 20 de fevereiro, o País passaria a enfrentar uma crise significativa no seu desempenho comercial externo, reduzindo suas exportações.

A renovação das demais linhas de curto prazo, que vencem a partir de hoje — todos os dias vence certo volume de financiamento — será, agora, automática, conforme o Ministro da Fazenda. Ele acredita que isso "demonstra o bom senso e a compreensão, que fazem com que todas as negociações estejam voltadas para o caminho da normalidade, da aceitação do plano brasileiro de quatro anos", de refinanciamento de parcelas dos juros externos que são devidos.

A prorrogação não deixou de provocar surpresa até mesmo entre os assessores governamentais, que vinham assistindo a uma sucessão de pressões externas para que o Brasil voltasse a pagar os juros. As citações de credores e autoridades estrangeiras indicavam um endurecimento organizado, que só começou a ceder nos últimos dias. Gros prevê, no entanto, que a guerra não acabou aí. A grande negociação ainda está por vir e até lá as relações e retaliações tendem a agravar-se.